

JORGINHO, O MACHÃO

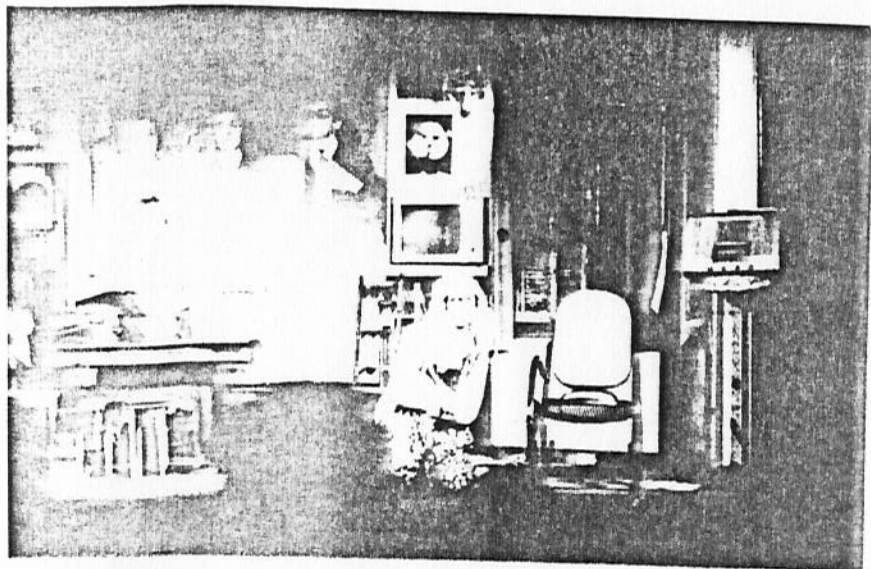
1970 – Estréia em São Paulo, Teatro Paiol, produção de Clóvis Bueno, Leilah Assunção e Benjamim Catam.
 "Otávio" – Cláudio Correia e Castro
 "Madalena" – Leonor Bruno
 "Jorginho" – Pedro Paulo Rangel
 "M. Alice" – Sueli Franco
 "Renata" – Maria Izabel de Lizandra
 Cenários e Direção de Clóvis Bueno.

1971 – Rio de Janeiro, Teatro Santa Rosa. Produção de Oscar Ornstein.
 "Otávio" –
 "Madalena" – Berta Loran
 "Jorginho" – Gracindo Júnior
 "M. Alice" – Marieta Severo
 "Renata" – Maria Gladys
 Cenários e Figurinos de Clóvis Bueno.

1976 – São Paulo, Teatro Aliança Francesa do Butantã. Exame Final dos formandos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo.
 "Otávio" – José Cunha
 "Madalena" – Neusa Maria
 "Jorginho" – Eurico Martins
 "M. Alice" – Miriam Lins
 "Renata" – Rafaela Puopolo
 Cenografia e Direção de Luiz Roberto Galizia.



honor Bruno, Cláudio Correa e Castro, Suely Franco e Pedro Paulo Rangel em *Jorginho, O Machão*, 1970, São Paulo.



Isabel de Lisandra em *Jorginho, O Machão*, 1970, São Paulo.



Berta Loran, Fregolente, Maria Gladys, Gracindo Junior e Marieta Severo em *Jorginho, O Machão*, 1970, Rio de Janeiro.

JORGINHO, O MACHÃO

(Nós Vamos Passear no Jardim da Matriz, Hoje, Meu Bem?)

Ação:

Brasil – 1969/70

Personagens: Otávio – O pai

Madalena – A mãe

Jorginho – O filho

Maria Alice – A namorada do interior

Renata – A da capital

Cenário: Sala de jantar típica de classe média, interior do Brasil.

Ato Único

(Sala de jantar de casa do interior.

Uma porta à direita dando para uma escada que desce para a rua, outra à esquerda dando para um quarto e uma no fundo, à esquerda, para a cozinha, aparecendo mil eletrodomésticos da última moda, empilhados. Uma janela no fundo, grande, deixando aparecer copas de árvores no quintal.

A casa é um sobrado.)

(Mesa grande no centro da sala. Todos estão sentados, comendo, pais na cabeceira. No meio da mesa um bolo esquisito, cor de rosa, transparente, gelatinoso, cheio de coisas dentro, carne, etc...

A família está fazendo um brinde, mas os copos só contêm água.

Abre-se a cortina com sonoplastia alegre, sinos de igreja, revoadas de passarinhos, talvez uma bandinha tocando.)

MADALENA – Saúde!

M. ALICE – Amor!

OTÁVIO – Prosperidade.

MADALENA – *(recriminando)*. Jorginho...!

JORGINHO – *(contrariado)*. Paz...

TODOS – Tim! Tim! *(risadinhas ridículas.)*

OTÁVIO – *(mastigando alto, falando com a boca cheia.)*
Tá ruim, Madalena! Tá faltando vinho! *(arrotando, chupa o dente.)*

MADALENA – Pois é, por isso que está desbotada assim. Mas o Padre Chiquinho só trouxe uma garrafa, Otávio. E você sabe que a "Gelatina" só fica boa com esse vinho.

M. ALICE – Eu trago pra senhora, dona Madalena. Antes de ontem o prefeito nos **presenteou** com dez dessas garrafas.

MADALENA – *(despeitada)*. Ah... é? Que bom, não? O vinho deles é o melhor desta região.

M. ALICE – Eu fico um pouquinho tonta quando tomo ... Não posso abusar...

MADALENA – Nem eu.

(Risadinhas ridículas. Jorginho com cara de enfado.)

MADALENA – Mas é bom, é o melhor calmante que conheço.

OTÁVIO – *(escarrando a comida)*. Porcaria! Tá muito ruim *(sonoplastia: o barulho de escarrar a comida.)*

MADALENA – Desculpa. Otávio. Depois faço outra melhor.

M. ALICE – Meu noivinho, não vai comer mais nada, não? Meu noivinho quer que a namorada **dê** comidinha na boquinha, quer?

(M. Alice faz do garfo aviãozinho, como criança. Jorginho afasta irritado.)

OTÁVIO – Aí, filhão, mulher carinhosa é bom...

MADALENA – Ah... parece mentira que o Jorginho cresceu, né Otávio? Outro dia mesmo era um nenê. Agora está um homem. Finalmente amadureceu!

OTÁVIO – *(irônico)*. Ah! Um "homem"...! "Finalmente amadureceu"...! "Criou juízo..." "Botou a cabeça no lugar..."

MADALENA – *(corta)*. Otávio... Deus tarda mas não falha...

M. ALICE – Deus escreve certo por linhas tortas...

OTÁVIO – *(irritado)*. Ah, se todo pai tivesse um filho assim. Tá aí: Forte, bom, trabalhador, honesto, *(irônico)* Jorginho, o MACHÃO.

M. ALICE – *(mudando de assunto)*. Nós vamos passear no jardim da Matriz hoje, meu bem?

JORGINHO – NÃO! Eu não vou passear com ninguém não!

MADALENA – Ah... Eu também queria ir... Gosto tanto de escutar a banda...

OTÁVIO – Vão sim! É sadio. Distrai.

JORGINHO – *(levantando-se)*. Papai, vê se eu ainda tenho cara pra ver *footing*. Tem paciência... por favor...

OTÁVIO – Quer fazer o obséquio de ser gentil com as mulheres?

MADALENA – Deixa, Otávio... deixa... A vida é assim mesmo. Nós fazemos tudo por eles mas eles nunca reconhecem...

M. ALICE – Reconhece sim, dona Madalena. No fundo o Jorginho é muito bom, só que...

(Jorginho joga um garfo pela janela. Uma galinha cacareja.)

OTÁVIO — Jorge! Vai começar de novo?

MADALENA — Você vê, Maria Alice? E não perde a pontaria. Olha que são 3 andares!

OTÁVIO — Claro, com um monte de galinha, numa tem que acertar.

M. ALICE — *(rindo)*. Ah, meu bem... algum dia você ainda machuca um franguinho... Coitadinhos...

(Jorginho joga outro objeto, outra galinha cacareja, sonoplastia.)

OTÁVIO — Jorge! Tá querendo apanhar, tá? Olha que eu ainda esqueço a tua barba e te ensino a respeitar minha granja!

MADALENA — Deixa, Otávio, deixa... ele faz coisa muito pior do que isso. Nunca mais foi à missa, Maria Alice! Nem pra me agradecer!

M. ALICE — Aos poucos ele volta, volta sim. Todos voltam para Deus. Todos voltam para Deus porque Deus é Deus, não é?

MADALENA — Mas faz anos que não vai na missa! *(chupa dente, barulho passa para som.)*

M. ALICE — Sabe que a mulher do Juca estreou outro vestido na missa das dez?

MADALENA — É mesmo? Nossa...

M. ALICE — Faz um ano que não repete. Cada domingo um vestido, como se missa fosse desfile de modas.

(Sonoplastia de cacarejos junto com o diálogo delas.)

OTÁVIO — Quê... O marido é rico, pois que mostre a grana que tem. *(arrota, som: arroto.)*

M. ALICE — Mas ela exagera, seu Otávio. Eu não, eu repito de vez em quando. Muita ostentação é coisa de novo rico.

MADALENA — Depende. Minha filha, não repete, não, e o marido é partidão de berço.

M. ALICE — Bem... mas é que... é que a roupa da mulher do Juca é de uma senvergonhice! Padre Chiquinho só deixa entrar na Igreja porque ele é o maior contribuinte da paróquia.

MADALENA — *(começando a tirar a mesa)*. Imagine só! Minha filha dá muito mais! Quem você acha que pagou a reforma da torre? Meu genro, é claro. Ela casou muito bem, Maria Alice... valeu a pena o zelo que tivemos! Belo casamento. Não foi à toa que a criamos dentro de estufa. Obrigávamos os meninos a acompanhá-la no cinema, nas brincadeiras dançantes, nas quermesses, em tudo! O Jorginho então, foi um verdadeiro guarda-costas...

M. ALICE — Eu me lembro. A filha do Pedroso em compensação...

MADALENA — Estava claro que ia dar no que deu... "educação moderna"...

OTÁVIO — Feito gado solto...

(Sonoplastia aumenta, galinhas cacarejando; o cacarejar das galinhas une-se ao diálogo ficando uma coisa só.)

M. ALICE — É de pequenino que se torce o pepino...

MADALENA — Tá af... uma perdida.

M. ALICE — Feito mulher da vida...

(Sonoplastia aumenta, Jorginho vai fechar a porta da cozinha, nervoso, a sonoplastia pára.)

MADALENA — Por fora, bela viola, claro...

M. ALICE — Por dentro, pão bolorento...

MADALENA — Ah, Jorginho, porque fechou a porta? Está calor.

JORGINHO — É que...

OTÁVIO — JORGE! Abra essa porta!

JORGINHO — Mas as galinhas podem entrar e...

OTÁVIO — Nossas galinhas não sobem escadas.

MADALENA — Elas estão cercadas, meu filho.

M. ALICE — Ah meu bem, você não perde esta mania.

OTÁVIO — Um dia tranca tudo, um dia abre tudo, quer nos matar de qualquer jeito, sufocados ou de pneumonia.

JORGINHO — É que as galinhas estavam alvoroçadas.

OTÁVIO — Elas estão quietas no poleiro.

JORGINHO — Elas estavam cacarejando.

MADALENA — Jorginho meu filho... elas estavam quietinhas... quietinhas...

M. ALICE — Quietinhas sim, Jorginho. Foi impressão sua, mas esse caso da filha do Pedroso é uma judiação, dona Madalena.

MADALENA — Uma desgraça na família. Mas desde criança ela já era muito safada. Eu me lembro...

M. ALICE — Assanhada que ela só. Antes de entrar na Escola, ela já sabia como é que... bem, como é que os recém nascidos nascem.

MADALENA — Pois é. Não é absurdo uma criança inocente dizer: "Mamãe está esperando criança. Ela está aqui na barriga". Depois a criança vai querer saber como o nenê entrou na barriga da mãe e outras coisas mais.

M. ALICE — É, a filha do Pedroso foi muito mal educada mesmo. Tinha umas brincadeiras esquisitas, de médico, de maridinho. Quando a gente lia M. Delly ela já folheava livros de educação sexual, veja se tem cabimento.

MADALENA — Coisa só para ler depois de casada, não é Maria Alice?

M. ALICE — Noiva, dona Madalena. A senhora também tem que se atualizar um pouco, por favor. A minha geração está mais evoluída. Nós achamos que temos que casar com uma certa informação teórica. Para nós os jovens, sexo não é pecado mortal. Desde que seja sacramentado e com finalidade de procriação.

JORGINHO — *(na cara de M. Alice).* Có-cori-co-cól

OTÁVIO — Jorge...!

M. ALICE — *(passando a mão no rosto dele, que está carejando para ela).* Dona Madalena, o Jorginho anda tão pálido!

JORGINHO — Estou muito bem!

MADALENA — Claro que você está bem, meu filho.*(pausa.)* Você sempre esteve bem. Eu até dizia para a Maria Alice o quanto você contribuiu para o casamento de sua irmã sendo um verdadeiro guarda-costas para ela. Lembra aquele baile que...

JORGINHO — A senhora já contou trinta vezes essa estória!

MADALENA — Vou contar mais trinta!

JORGINHO — Tá ficando velha mesmo...

OTÁVIO — Jorge! Respeite sua mãe!

MADALENA — Deixa, Otávio... deixa... Ele tem razão. Nós estamos velhos, nosso tempo já passou. É sempre assim. A gente põe no mundo, dedica a vida inteira para eles, dias e noites, madrugadas, pensamentos, amor, a mocidade toda, esquecendo as diversões, envelhecendo, envelhecendo... pra agora escutar isso. Mas logo nós estaremos no túmulo e eles então ficarão sozinhos, livres e felizes...

JORGINHO — "Eles" mamãe? Que é isso? A senhora está incluindo o meu irmãozinho exemplar, me-

lhor engenheiro da região, e sua filhinha modelo que cozinha, pinta e borda melhor que a...

OTÁVIO — *(corta).* JORGE! Você vai me obrigar a esquecer a presença de Maria Alice!

M. ALICE — *(resmungando).* Não, por favor, não se incomodem...

JORGINHO — É bom ela ir escutando. Vai ser assim, viu, Maria Alice? Tudo embaralhado, O Otavinho neto sentado aqui falando pra mim: "Você está velho e..."

M. ALICE — Vai chamar Otavinho mesmo? Você queria...

JORGINHO — Ué!... Entendeu mesmo o que eu disse, Maria Alice? De verdade?

M. ALICE — Mas... claro, Jorge... o Otavinho neto, nosso futuro filho... hi, hi, hi.

JORGINHO — Mas que "barato"... Essa mulher é muito inteligente! Minha noiva é muito inteligente, *(abraça-a, ela felicíssima.)* inteligentíssima, POORRRRA!!!!

OTÁVIO — *(corta).* JORGE!!!

M. ALICE — É demais, dona Madalena. A senhora me desculpe, mas o Jorginho hoje está passando dos limites. *(levanta-se.)*

OTÁVIO — Peça desculpas a Maria Alice! Não admito palavrões neste recinto e muito menos na presença da sua noiva!!!

JORGINHO – *(reverência)*. Desculpe, Maria Alice. Juro por Deus que está no céu que jamais falarei palavras em sua presença. Juro, juro...*(levanta a saia dela)*, porra!

OTÁVIO – JORGE!!!

M. ALICE – *(ofendidíssima)*. Sei que não é educado sair logo após as refeições, dona Madalena, mas a senhora compreende...

(M. Alice e Madalena vão saindo, para a rua.)

MADALENA – Ele não toma jeito Maria Alice, mas com o tempo... Com paciência...

M. ALICE – É... água mole em pedra dura tanto bate até que fura... Até logo seu Otávio. O senhor é sempre um *gentleman*.

OTÁVIO – Acompanhe sua noiva, Jorge! E peça desculpas!

M. ALICE – Não, não precisa. Eu já me acostumei, sabem? Ele anda muito esquisito, mas é só deixá-lo conversando com as paredes que passa.

OTÁVIO – É o exemplo típico do caipira! Desde que conheceu São Paulo ficou assim.

M. ALICE – O almoço ficou esplêndido, dona Madalena, espero um dia cozinhar como a senhora.

MADALENA – Que é isso minha filha? Um almocinho simples, só pra empregada descansar.

(M. Alice sai, conversando com Madalena.)

OTÁVIO – Por que voltou, se não se ambienta mais com a gente?

JORGINHO – Tá me mandando embora de novo? Eu vou...

MADALENA – *(voltando)*. Onde? Onde é que você vai?

JORGINHO – Voltar para São Paulo. Meu pai tá me dando indireta...

OTÁVIO – Indireta seu natiz! Eu estou lhe dizendo que ficaria satisfeítíssimo se você fosse! Fosse e não voltasse mais! Porque eu sei que o filhinho volta correndo para os braços da mamãezinha.

MADALENA – *(feliz)*. Ah, Otávio, não exagere...

OTÁVIO – Ah, não? Já não aconteceu três vezes, por acaso? Mal chega na capital um carro buzina mais alto no ouvido do nenê, e, pronto: "Mamãe..."!!!

JORGINHO – Nunca voltei correndo para ela, não! Vê como fala comigo, heim? Eu nunca voltei pra ficar, eu sempre vim refletir. Refletir com calma o que ia ser da minha vida.

OTÁVIO – É, com calma, paz... no silêncio da praça da Matriz. E depois não agüenta o silêncio da praça, os grilos... ah... machão! Machão de cidade grande! Nem na "Rua do Cemitério" ele vai mais, Madalena!

MADALENA – Otávio!!! Otávio, não conversa essas coisas perto de mim...

OTÁVIO — Ih, mulher! De vez em quando você tem que escutar! Não te interessa saber que teu filho virou bicha?

JORGINHO — A próxima vez que a Renata ligar de São Paulo mamãe, a senhora pergunte como é que esta bichinha aqui faz com ela quando...

MADALENA — Jorginho...!

OTÁVIO — Deixa ele falar...deixa... Essa tal de Renata é... como é mesmo...? É "a-fir-ma-ção" pra ele. Não pensa que o pai é burro, viu? Não é ela que vai disfarçar a tua "bichisse." E nem as tuas roupas "prafrentex" de "ripe". "Ripe" e bicha, pra mim, é a mesma coisa.

JORGINHO — A Copa do Mundo seria sempre nossa se toda bicha fizesse aquele gool que eu...

OTÁVIO — *(corta)*. Ah, agora vem a estória do gool! Gool, gool, até parece! Um peido foi o que você deu, fedelho! Um peidinho insignificante que eu deixei passar porque estava com o joelho quebrado, viu? QUEBRADO!

JORGINHO — Imagine... quebrado... Um dodóizinho de nada, pô...

OTÁVIO — Quer calar a boca? Vai dar de machão agora? Não vai nem na "Rua do Cemitério"!

MADALENA — Otávio!!! Otávio... O Jorginho tem razão... elas, bem, elas têm doença, não têm?

JORGINHO — Pois é... E a Maria Alice é tão limpa e boa de cama!

MADALENA — Jorginho! Que calúnia!

OTÁVIO — É o cúmulo! Ele suja até o nome da futura mãe dos meus netos.

JORGINHO — Ah, meu irmão vai desquitar e casar com a Maria Alice? É? Porque "este" filho aqui não disse nunca que se casará com ela.

MADALENA — Vai começar de novo, Jorge?

OTÁVIO — Continua, continua assim, continua. Deixa o pai dela saber dessa conversa.

JORGINHO — Já falei que nunca prometi nada. Eu dou atenção a ela de vez em quando, mas esse negócio de casamento é idéia de vocês.

MADALENA — Ah, meu filho... Não começa, por favor. Você tinha concordado conosco.

JORGINHO — É que eu ia ficar no armazém. Agora não vou mais.

OTÁVIO — COMO?

MADALENA — O quê?

OTÁVIO — *(levanta-se ameaçador)*. Você está brincando!

JORGINHO — Ué... O senhor não estava me mandando embora?

OTÁVIO — *(berrando)*. Não é possível! Não é possível! É isso! É sempre assim!

JORGINHO — Não é que eu não queira, papai... Estou... estou em dúvida...

OTÁVIO — Não! Ninguém tem um filho assim! Ninguém no mundo! É a última vez que falo! Se eu morro eu vou deixar o armazém com quem? Quem? QUEM???

JORGINHO — Pro João do Bar...

OTÁVIO — Ah! Sim! Esplêndido! Foi pra isso que trabalhei duro a vida toda. Foi pra isso sim! Foi pra isso que agüento essa granja aí no quintal e levantei o colosso aí debaixo que é o "Armazém Otávio Almeida". Foi pra isso que a tua mãe me ajudou e confortou em hora boa e hora amarga, enquanto o armazém crescia! Foi pra isso que botei filho no mundo, tudo o que fiz foi pra isso! Pra subir outro luminoso aí na frente, no mesmo dia do meu enterro... "Armazém do João do Bar"!!!

JORGINHO — Oras papai... Deixa pra filhinha. Ela é tão prendada...

OTÁVIO — Sua irmã agora é Almeida "T E L L E S"! E está muito bem casada!

JORGINHO — *(tédio)*. O seu menino prodígio...

OTÁVIO — Seu irmão é um engenheiro! E não vem com ironia de cidade grande, não! Ele é um gênio! Sempre me orgulhei dele! O melhor engenheiro agrônomo da região! Meu sonho era ser engenheiro agrônomo!

JORGINHO — *(artificial, irônico, pedante)*. Olha papai, não adianta discutir. Existe entre nós aquele eterno "conflito de gerações"...

Nunca vamos conseguir conversar. Só tenho "diálogo" com a Renata mesmo.

(Jorginho liga som. Alto. Música Pop.)

OTÁVIO — *(desligando)*. JÁ FALEI QUE "DETESTO" ESSA BARULHEIRA! É isso aí, viu Madalena, essa barulheira é que é o "diálogo" dele com a Renata. Eu vejo bem pelo telefone; quando não é barulheira é briga é xingação! "Diálogo", hoje em dia é isso aí. Essa Renata deve falar as mesmas besteiras, os mesmos palavrões.

MADALENA — Imagine, Otávio! Se o pai dela é banqueiro!

OTÁVIO — Até aí pode ser verdade. Gasta fortunas em interurbanos!

MADALENA — Deve ser moça fina, sim!

OTÁVIO — Então porque não volta pra São Paulo, casa com ela de uma vez e não me enche mais o saco?

JORGINHO — *(tédio)*. Não me amolem... Não me amolem mais, por favor... Eu não vou fazer nada, deixem-me em paz, eu não vou ser nada e pronto...

(Jorginho pega violão e cantarola números.)

OTÁVIO — Ah, ele vai ser "NADA". Seu Otávio, qual é a profissão de seu filho? "-----Nada..." "----- Ex^o Dr. Nada", especialista em "nada crônico". Nem agrônomo nem dono de armazém. "Nada..."

- JORGINHO — Cinco... sete... nove... oito...
- OTÁVIO — Controlando a raiva? Olha que gracinha, como o filhinho é controlado.
- JORGINHO — Não papai, não estou controlando a raiva. Estou repetindo um número. Um número que algum dia ainda...
- OTÁVIO — *(corta)*. Ah... não é raivinha não, está repetindo números... É o da loteria, não é filhinho? O número que o filhinho sonha nunca dá na Loteria... Ah! Ah! O número do filhinho nunca dá. Foi pra São Paulo estudar e voltou doutor em Nada e bilhetes de Loteria! Ah! Ah! Ah!
- MADALENA — Otávio... Não exagere. Devemos dar graças a Deus que ele não voltou cabeludo!
- OTÁVIO — Voltou sim! Com cabelo na cuca, lá dentro, todo encaracolado!
- MADALENA — Ele não veio barbudo, Otávio...
- OTÁVIO — Mas voltou rabiscando mais. Isso que é pior. Só rabisco! O Picasso rabisca o dia inteiro! Mas ainda bem que rabisca, sabe-se lá o que ia fazer se não rabiscasse!!
- JORGINHO — Os meus rabiscos normalmente são chamados de "arte", meu pai.
- OTÁVIO — Ah! Ah! Ah! Arte, arte, arte, olha só o Picasso incompreendido! O gênio do século vinte e um! E neste século, se o papaizinho falta, como é que o Picassinho vai se sustentar, heim? Pensa que vai encontrar outra

mamata assim? Uns minutos no armazém em troca de tudo? Não vai não, bobo no mundo só tem um; seu pai! Quero saber se esse pai falta o que é que o filhinho vai fazer? Diz! Porque herança, vagabundo dá fim nela em uma semana, viu? Vamos, diz, conta pro seu pai que é que você faz, conta! Faaaala!!!

- JORGINHO — Eu me mato. Pronto. Já disse que me mato! Quando eu estiver morrendo de fome eu me mato antes. Pelo menos isso! Pelo menos isso eu posso fazer! Eu me mato! Pelo menos essa liberdade eu tenho! Pelo menos essa! Eu me mato! Eu me mato!

(Pausa.)

- OTÁVIO — Vai, estou esperando. Vai cortar o pulsinho vai? Veja bem se a unha está feita, senão fica falada no enterro, "boneca". "Olha só como era desmazelada a Jorginha, coitadinha..."

MADALENA — Otávio... Não fale desse jeito com ele...

- OTÁVIO — Falo sim! É assim que nós temos que falar, não sabia? Apreendi na televisão. Sou muito grato à televisão por ter me ensinado a "dialogar" com a juventude, a "dialogar" com meu próprio filho. Viu, boneca? Está escutando? Por que não vai ser "modista" heim?

JORGINHO — Se a Renata...

- OTÁVIO — *(corta)*. Lá vem ele com a Renata de novo! Não precisa ficar contando não, eu já aten-

di telefonema dela. E acho aquela voz muito rouca! Masculinizada! Sei muito bem, vai ver te conheceu fazendo ponto naquela Galeria Metr pole, sei muito bem. Quando esgota a grana l  você volta correndo pra explorar o pai!

JORGINHO – Papai, até parece que eu implorei pra nascer! Até parece que fui eu que pedi, que impus a minha presença...*(pausa)*. Que você não queria...*(pausa)*. Que eu são vim incomodar *(pausa)*. Ah... como foi que eu não pensei nisso antes? Como foi possível? Tava na cara... Ca ula e tudo... Tava na cara...Pois  ... se a mamãe não fosse tão religiosa eu ia ser aborto, n e?

MADALENA – JORGINHO!!!

JORGINHO – Aposto que foi o Padre Chiquinho que me salvou...

MADALENA – Que horror!

OTÁVIO – Cala a boca, Jorge! Isso não   jeito de falar com sua mãe!

MADALENA – Que horror, que horror... *(chora.)*

OTÁVIO – Não Madalena, não se impressione... Eu conheço essa jogada... Não pensa que o velho pai   burro são porque não morou na capital, com a juventude de hoje. O velho aqui l  jornal, viu? L  jornal e tem um diploma que são a *IDADE* d , são a *"Experiência"* da vida d ! Sei muito bem, o senhor está fazendo *"Chantagem Emocional"* e nessa eu não entro!

JORGINHO – Pode dar o nome que quiser, desde que compreenda que já que eu não pedi pra nascer...

OTÁVIO – *(corta)*. Mas nasceu! Se fosse hoje não nascia mesmo, mas já nasceu, o azar foi seu, agora agüente o baque!

JORGINHO – Não sou obrigado a agüentar. A vida me foi imposta, não tenho amarras nem compromissos, portanto posso me matar sem dar satisfa es.

MADALENA – *(chorando)*. Meu filho, não fale assim... Não gosto quando você fala assim... Deus...

JORGINHO – Mamãe... não começa... passa do ponto...  ...

OTÁVIO – Tem que dar satisfa es, sim. O pai da Maria Alice...

MADALENA – Eles estão certos que você casa. Ela já tem vinte anos, meu filho.

OTÁVIO – Custava alguma coisa casar com ela? Juntando o armazém do pai dela com o nosso, ninguém mais segurava a gente! E ia ser tudo em nosso nome!

MADALENA – Em um ano estaríamos morando no Beco do Conforto.

JORGINHO – *(tédio)*. Isso não me interessa, por favor, entendam que não me interessam becos... penas... becos...

OTÁVIO – *(corta)*. É, eu sei muito bem, ele tem medo de qualquer beco, de qualquer buraco, Madalena. É isso, medo de casar, medo da cama no duro!

MADALENA – Não, Otávio, não fale assim, assim não... Ele é nosso filho.

(Jorginho está de costas, na janela, olhando para o quintal. Ela o abraça, entra a sonoplastia, como no início da peça, galinhas cacarejando, confundem-se com as vozes, arrotos, etc...)

OTÁVIO – Vai... abraça o filhinho... coitadinho... tão magrinho...

MADALENA – Ai... meu Deus do céu! Por que tanta briga... *(agarra-se a ele.)* Jorginho, vai descansar, meu filho...

OTÁVIO – Vai fresquinho, descansa a pele, descansa a musculatura, olha só o ombro dele, que beleza!!! Toda família tem disso, um filho nasce macho, e gênio, o outro bicha retardada.

MADALENA – *(chorando, grudando-se cada vez mais a ele)*. Não fale assim com o meu filhinho, o meu filhinho... Sangue do meu sangue...

(Sonoplastia aumentando.)

OTÁVIO – Dá leite Ninho pra ele, dá...! Tão fraquinho o nenê, tão fraquinho... Bonequinho da mamãe... não vai nem na "Rua do Cemitério..."

MADALENA – Não ligue, filhinho... sua mãe gosta muito de você... Não ligue... seu pai não fala sério... sua mamãe gosta muito de você... sua mamãe gosta muito de você...

*(Sonoplastia aumentando.
Entra Maria Alice.)*

M. ALICE – *(com a voz mais irritante do mundo)*. Dona Madalena, papai manda dizer que não tem mais vinho, sinto muito, mas acabou tudo num instante.

MADALENA – Não tem importância Maria Alice. Obrigada.

(Luz caindo em resistência.)

M. ALICE – A senhora sabe, todo mundo quer né? É tão gostoso.

MADALENA – É o melhor calmante que conheço.

M. ALICE – Docinho, docinho.

(Black-out. Foco de luz em Jorginho. Os outros param nas posições que estão.)

JORGINHO – *(jogando-se sobre M. Alice, sem tocá-la, ela estática)*. CALA A BOCA, SUA PUTINHA! CALA A BOCA, EU TE ARREBENTO! VOCÊ, VELHO DOIDO, EU TE MATO, CALA A BOCA, VELHO DOIDO, PENSA QUE É O QUE, NÃO PENSA QUE EU TENHO MEDO NÃO, SE ELA TEM, *(aponta a mãe.)*, O MACHO AQUI NÃO TE TEME NÃO, SEU DESGRAÇADO! FICA QUIETA VOCÊ TAMBÉM, MÃE, CALA A LATRINA, NÃO AGÜENTO MAISSUA CHORADEIRA! NÃO AGÜENTO MAIS. NÃO AGÜENTO MAIS, EU ACABO COM TODO MUNDO, TÃO PENSANDO QUE EU SOU O QUÊ, EU ARREBENTO TUDO, EU SOU O MAIS FORTE DE TODOS, EU

SOU FORTE, EU SOU UM MONSTRO! PEI-
TO PELUDO, PERNA DE FERRO, BRA-
ÇO DE AÇO, MURRO DE CANHÃO,
"JORGE, O GORILA", O CAMPEÃO EN-
TRE OS CAMPEÕES! *(começa a fazer e-
xercícios, correr.)* CEM METROS RASOS,
BARREIRA, SALTO COM VARA, SEM
VARA, ARREMESSO DE DARDO, PESO
PESADO, COFRE FORTE, O CAMPEÃO
DAS OLIMPIADAS, O PRIMEIRO, O PRI-
MEIRO, O MELHOR, O MELHOR, GOL,
GOL, GOL, GOOOOOOOOOL! PELÉ?
PELÉ FOI SÓ O NEGATIVO, A REVE-
LAÇÃO TÁ AQUI! ~~EDER JOFRE FOI~~
~~UM BLEFE!~~ LUTA, JUDÔ, CARATÊ,
FAIXA PRETA!!! E A CARA DE GALÃ,
SÓ DE LAMBUJA! OLHA MEU CABELO,
CARECA, OLHA O CABELO, MINHA CA-
BELEIRA, MORRE DE INVEJA! O DEN-
TE MAIS FORTE, MAIS BRANCO, OLHA
SÓ O MEU TÔRAX, ~~VELHO BARRIGU-~~
~~DO,~~ OLHA MINHA BARRIGA, LISA, *depinde*
~~CHUPADA,~~ OLHA, OLHA, OLHA O PAU!
(pega uma vassoura.) OLHA O PAU! O-
LHA O PAU! ~~SUA CADELA~~ *(para M. Ali-*
ce.), RAMEIRA VIRGEM; GRANDE, BO-
NITO, BEM FEITO, OLHA AÍ, ~~IMPLORA,~~
~~IMPLORA,~~ ~~IMPLORA~~ ELE! PEDE DE
JOELHO, RAMPEIRA, NENHUM FUN-
CIONA COMO O MEU, VOU TE FAZER
GEMER, PEDIR, GRITAAAAAR! TUDO
QUE É FÊMEA BOA ELE JÁ PASSOU
NA CARA; VIRGEM, PUTA, QUAREN-
TONA, TUDO QUE É DONA DISTINTA,
DE GRANA, DE BOA FACHADA, DE PE-
LE LIMPA, BEM TRATADA, DE BUNDA
PERFUMADA! ESTUDANTE JÁ DESCA-
BAÇOU TRINTA! ESSE PAU É O ORGU-

*dele eu não souman
PS 157*

LHO DO HEMISFÉRIO E TEM ATÉ O
DIA DELE, DIA QUE FICOU FERIADO E
QUE ELE PASSA INTEIRINHO DE PÉ,
FEITO BANDEIRA, HASTEADO! *(entra
fanfarra, ele de pé em posição de sentido com
a vassoura entre as pernas.)* RESPEITA O PAU,
~~VELHO MALUCO,~~ "ISTO" É QUE É PAU,
O RESTO É PALITO! O MAIOR PAU DO
BRASIL! O MAIOR PAU DA AMÉRICA
LATINA! O MAIOR DESTE HEMISFÉ-
RIO! O MAIOR DO PLANETA TERRA!
O MAIOR DO SISTEMA SOLAR! O
MAIOR! O MAIOR! O MAIOR PAU DA
"RUA DO CEMITÉRIO"!!!!!!!

*(Luz acende – Madalena e Maria. Alice estão sentadas cal-
mamente, fazendo tricô. Madalena enrola um novelo que
Jorginho segura passivamente. Pai tranqüilo, lê jornal.)*

MADALENA – Pois é minha filha, é como eu digo. Quando
todo mundo diz que aquela vaca é malhada,
olhe bem que alguma pinta ela tem.

M. ALICE – Brasa encoberta... brasa encoberta... é isso
mesmo, onde tem fumaça tem fogo.

(Otávio vai para o quarto.)

MADALENA – Procure não irritar seu pai Jorginho, o coi-
tado trabalha tanto... Porque você não con-
versa sempre assim com ele? Assim, calma-
mente, direito, como gente grande... Custa
alguma coisa?

M. ALICE – É sim Jorginho, eu também acho.

MADALENA – Assim todo mundo se entende, sem briga,
sem grito.

M. ALICE — Discussão não leva a nada, só irrita as pessoas.

MADALENA — Pois é, meu filho, faz uma força, viu? Eu sei que no fundo você é bom.

M. ALICE — Ah, no fundo o Jorginho é muito bom.

MADALENA — Um coração de ouro.

M. ALICE — É sim dona Madalena, eu conheço muito bem o Jorginho. Eu compreendo você, viu meu bem? Papai disse que as esposas têm que compreender os maridos, eu compreendo você. Foi por isso que voltei. Eu gosto tanto dele, dona Madalena.

MADALENA — Claro que você gosta dele, Maria Alice.

OTÁVIO — *(do quarto)*. MADALENA!!!

(Pausa.)

OTÁVIO — MADALENA!!!

(Madalena começa a tremer, nervosa.)

JORGINHO — Que medo é esse, mamãe. Não se acostumou ainda?

MADALENA — A gente nunca se acostuma com gritos, né, meu filho?

JORGINHO — Não... Não é de gritos que eu estou falando...

OTÁVIO — Madalena!!! Vem ou não vem?

MADALENA — Eu tenho que lavar a roupa, Otávio!

(Madalena corre pra ligar a máquina de lavar.)

JORGINHO — De novo, mamãe?

MADALENA — Não ficou limpa, sabe? Não ficou nada limpa. Agora vou lavar com este sabão que lava mais branco.

OTÁVIO — MADALEEEEEEEEEENA!!!

MADALENA — Otávio, vou fazer outra gelatina. Desta vez eu *tenho* que acertar!

(Madalena corre para ligar outra máquina.)

OTÁVIO — Como, se não tem vinho, mulher? Vem cá, tô te chamando!!!

(Pausa. Madalena, muito nervosa, começa a amontoar ovos.)

M. ALICE — Posso ser útil, dona Madalena? Será que eu poderia atendê-lo?

JORGINHO — *(tédio)*. Talvez você possa ser útil sim, Maria Alice. Se você pretende entrar para a família é bom que saiba que os homens aqui têm uma pequena tara de fazer sexo com o estômago cheio.

MADALENA — JORGINHO!!!

JORGINHO — *(tédio)*. Corre um boato que esse hábito mata de coração, mas pra nós é fortificante.

M. ALICE — Dona Madalena, acho que eu já vou indo de novo.

JORGINHO — E não vai atender o seu sogro, Maria Alice?

MADALENA — *(acompanhando Maria Alice, muito nervosa)*. Venha comer conosco à noite, sim?

M. ALICE — Pois não, dona Madalena, será um prazer. Espero que até lá estejamos todos mais calmos.

*(Maria Alice sai para a rua.)
(Otávio entra.)*

OTÁVIO — *(para Madalena)*. Vou ter que sair, não é? Bem, na verdade, acho muito mais agradável. É um gasto inútil mas vale a pena. Então desça para o armazém e faça o caixa, porque o filhinho hoje vai ter outro destino *(para Jorginho)*. Vou acabar com as suas "dúvidas" para sempre. Já me enchi de dar casa e comida de graça pra vagabundo. Se quando eu voltar, o seu esqueleto ainda estiver aqui, eu mando ele pra Capital por via aérea, a ponta-pés!!!

*(Otávio sai para a rua.)
(Madalena continua a trabalhar, nervosa, pega coisas na cozinha, volta, liga máquinas e mais máquinas, as mais modernas: consumo, consumo, consumo.)*

MADALENA — Este aqui, deixa eu ver, a moça disse que adoça mais doce, na TV, este salga mais salgado, gosto de galinha, frango, leite, tem sabor de batata, este de feijão, ah, eu esqueço a receita sempre...

JORGINHO — *(ligando o som, alto)*. OVOS!

MADALENA — *(abaixando o som)*. Filhinho... "calipso" é pra se escutar baixinho...

JORGINHO — *(desligando, irritado)*. Não é "calipso" mãe, é um som de "protesto". Posso ao menos escutar o jogo?

(Jorginho liga futebol. Baixinho, no "rádio".)

MADALENA → *(alto)*. Já peguei! Ovos, galinha, frango, leite, é tão complicada esta gelatina. Por que chama gelatina? Na verdade, não é bem uma gelatina, mas seu pai volta mais calmo, viu, meu filhinho? Ele sempre volta mais calmo.

(Os barulhos das máquinas vão aumentando...)

MADALENA — Junto com as essências, com os sabores, batem-se ovos com casca e tudo, mas, meu filho, por que você não fica com a Maria Alice? Ela é tão boazinha... Não sei porque essa implicância com ela. É tão prendada! Vai dar uma ótima esposa. Cozinha com perfeição, faz cada doce! *(começa a abrir latas, latas e mais latas.)* Cada doce delicioso. As roupinhas brancas que ela lava são mais alvas que a própria pureza!

(Vai até a máquina de lavar roupas, volta, fica andando um pouco, sem rumo, procurando coisas para fazer.)

MADALENA — É... tão alvas... O que mais tem essa receita? As latarias... Jorginho, como é mesmo? Tem forno, bate ovos... *(pausa.)* Apesar de que a Maria Alice é muito chata mesmo, em parte eu lhe dou razão, sabe que outro dia...

JORGINHO — Mamãe, deixe-me escutar o jogo...

(Madalena fica andando de lá prá cá sem encontrar nada para fazer. Às vezes pára no meio da sala. Mexe em ovos, volta para o meio da sala.)

MADALENA — *(parada no meio da sala)*. Ah, filhinho... Eu acho você até mais inteligente que o seu irmão, viu? Com cinco anos já sabia ler. Fui eu que te ensinei.

JORGINHO — Foi a dona Reducinda, do Jardim da Infância.

MADALENA — Fui eu! Fui eu! Fui eu!

(Pausa.)

MADALENA — Ah... Jorginho... Eu nunca acredito que você cresceu... Parece mentira... *(pausa.)* E eu tinha pouco leite... Não dava, lembra? Ah, claro que você não lembra, era tão pequenininho. E cresceu... Os seus primeiros passinhos foram bem daí de onde você está, lembra? Ah, claro que não lembra não, era tão pequenininho... *(suspiro.)* Ah... foi tão lindo! Três passinhos inseguros. Tão engraçadinhos... andando, andando... e, veio cair bem aqui, no colo da mamãezinha...!

JORGINHO — No colo da Benedita.

MADALENA — No meu! No meu! Vai discutir comigo agora? Você nem se lembra! Era tão pequenininho!

(Pausa.)

MADALENA — Esta semana a Renata ainda não telefonou.

JORGINHO — Mamãe... deixa eu escutar o jogo. O papai não mandou a senhora fazer o caixa?

MADALENA — Tenho que acabar a gelatina! Não posso fazer tudo ao mesmo tempo!

JORGINHO → Ah... não pode fazer tudo ao mesmo tempo.

MADALENA — Não seja irônico! Veja só quem fala... Não gosto de descer para o armazém. Você sabe muito bem.

JORGINHO — Sei sim. Sei muito bem.

MADALENA — Eu não sou de ferro. Meu lugar é aqui, e não no armazém. Sou mulher. Sou muito frágil.

JORGINHO — É, e puxar uma alavanquinha dói, né?

MADALENA — Ah, meu filho, que falta de carinho para com a própria mãe. Que falta de compreensão... Eu... eu não gosto de ir lá para baixo! Eu não sei... não sei... ah! Eu nunca aprendi essas coisas... Não sei mexer com aquele dinheiro, eu misturo tudo! Levo pito do seu pai e o padre Chiquinho diz que mãe é mãe, é santa no altar, você não lembra da poesia? Eu vi minha mãe rezando como é que é mesmo a poesia do padre Chiquinho? Eu vi minha mãe rezando... aos pés da Virgem Maria. Era uma santa escutando...

(Pausa.)

MADALENA — Eu vi minha mãe rezando aos pés da Virgem Maria. Era uma santa escutando... O QUE

A OUTRA SANTA DIZIA! É assim! É, Jorginho? É? É?

JORGINHO — Mamãe, deixa eu escutar o jogo.

MADALENA — Mas seu pai volta mais calmo, viu? Por que você não tenta agradá-lo um pouquinho, meu filho? Faça um esforço, não custa nada, só para dar uma alegria pra ele. Tenta engenharia de novo, não custa nada... Se você entrar, ele te sustenta lá e até te dá uma moto!

JORGINHO — Não vou entrar.

MADALENA — Estude mais, você é inteligente. Devagar se vai ao longe, quem espera sempre alcança, quem tem boca vai a Roma. E depois não precisa nem estudar, você sabe disso. Seu pai "dá um jeito" lá e você entra, não é assim?

JORGINHO — Já disse que não gosto de engenharia, mãe.

MADALENA — Ah, meu filho, engenharia é bonito. Tenta de novo.

JORGINHO — *(tédio)*. Oras mamãe... mesmo que eu entre, mesmo que eu entre em "qualquer" faculdade, chega lá dentro é tudo inútil, retardado, reformas e reformas que não adiantam nada, etc... e tal... *(pedante.)* A senhora não lê jornal? Não lê das reclamações dos estudantes? Pois leia e me deixa escutar o jogo!

MADALENA — Mas você não falou outro dia que era pra eu continuar não lendo mesmo que no jornal sai tudo errado? Ah, filhinho, você é imaturo, reconheça. Não sabe o que quer. Quer tudo, não quer nada; quem tudo quer tudo perde, você não sabe o que quer, reconheça.

JORGINHO — *(alheio)*. Sei o que quero, sim.

MADALENA — Muito imaturo. O banco, então, não agüentou nem seis meses.

JORGINHO — Mamãe, o Ademar vai fazer um goal. Entusiasme-se, por favor!

(Rádio, o gol falha.)

MADALENA — Ah, que pena, gosto tanto do Gilmar!

JORGINHO — A-DE-MAR!

MADALENA — A Gelatina! Agora liquídifica, desta vez eu tenho que acertar, seu pai não perdoa. Pois é filhinho...

(Liga mais máquinas — som vai aumentando, mais máquinas, jogo, galinhas cacarejando.)

MADALENA — Pois é... não agüentou o banco... *(pausa)* eu compreendo sim, toda mãe é compreensiva. Pegar ônibus todo dia, filas e filas, bater o ponto, máquina, dinheiro, eu também não agüentava não. Seu pai disse que tem que agüentar, mas... *(sonoplastia vai e vem.)* Mas eu sou muito compreensiva, viu? Eu compreendo você e até agradeço a Deus o filho bom que ele me deu. Afinal de contas tem tanta mãe aí com filho marginal, não

tem? Alguns até PROTESTAM!!! Jogam bombas! São... terroristas, não são? Ai, meu Deus do Céu nem sei para onde vai indo a nossa juventude. Agradeço a Deus você não ser desses daí. Já pensou a minha preocupação? Dizem até que... bem, foi seu pai que escutou não sei onde, mas não sei se é verdade não. Dizem que maltratam, esses meninos. Torturam, não é? Um estudante até morreu, nossa... se foi verdade, como deve ter sofrido a mãe, que sina a dessa pobre mãe. Ah!... Mas eu acho que é tudo mentira, essas coisas não acontecem não. Só nas estórias e nos filmes, nas novelas. Acho impossível um ser humano fazer essas coisas com outro ser humano. É impossível, eu não acredito. (pausa.) Aquelas coisas que dizem que Hitler fez com os judeus... ah... quanta imaginação, não acredito (pausa.) Ah! já resolvi que não acredito mesmo e pronto.

JORGINHO – Mamãe... Tá pondo galinha com pena no liquidificador.

MADALENA – Penas? Penas?

JORGINHO – Vai quebrar o ovo, olha aí, o ovo.

MADALENA – Jorginho, Jorginho, meu filho, não brinca assim com a sua mãe, eu não gosto.

JORGINHO – Ah! Mamãe, não me amole. Estou com calor (tira a camisa.)

MADALENA – Ah... é... é o calor, não é?

JORGINHO – Esse barulhão todo, o aço!

MADALENA – Acabo logo. Num instante, mas vai ficar desbotada. Onde é que consigo vinho, onde é que arrumo cor. Nossa parreira tem tanta uva, a gente podia até fazer vinho. (pausa.) Uma semana sem telefonar, a Renata está te esquecendo, hein? (pausa.) Por que você não casa com ela então meu filho, sendo o pai dela banqueiro, ele te arruma um lugar de chefe no Banco e daí acabaram-se os problemas.

JORGINHO – Ai, mamãe, ele não vai fazer isso, mesmo se fizesse o problema não é esse!

(Jorginho desliga o rádio e começa a desenhar, irritado.)

MADALENA – É... Não pensa que eu não sei, porque eu sei sim. Imagine se ela casasse com você, se você não casava, não é? Mas claro que o pai dela não deixa, não é? Tá querendo um milionário pra ela que nem ela. Você não conta mas eu e seu pai estamos a par de tudo o que acontece na atualidade, e estamos desconfiados que vocês dois estão com esse problema, não é?

JORGINHO – Ai mamãe, não é nada disso! Não adianta que ninguém me entende mesmo. Meu fim é o suicídio, não vai ter outra saída.

MADALENA – Jorginho! Deus está ouvindo, viu? Não gosto quando você fala assim! Nem de brincadeira!

JORGINHO – Ah... mãezinha do meu coração... Vê se procura compreender que pra mim, ser empregado de banco ou ser chefe de banco é a mesma coisa! É a mesma falta de tempo

para VIVER! Vê se "procura" "enten-der" que São Paulo pra mim é uma máquina! O mundo é uma máquina. Tudo é peça de uma engrenagem, tudo é prego, parafuso; "gente" não existe mais! Não existe mais pele, carne, risada nem choro! EN-GRE-NA-GEM, sabe o que é isso! En-gre-na-gem! Não adianta explicar porque a senhora é burra! Não entende!

MADALENA – Eu entendo! Eu entendo e concordo sim! Isso mesmo! Isso mesmo! *(pausa.)* Você está com anemia.

JORGINHO – Não entende não! Ninguém me entende! Sei que às vezes pareço ridículo, cheio de *(faz caricatura.)* "angústias existenciais" "piegas"; "imaturas", "histéricas", sei que ninguém me entende e muito menos eu! Muito menos eu e por favor acaba logo isso aí que eu não agüento mais esse barulhão! Está tudo triturando!

MADALENA – Não está tão grande o barulho, Jorginho... Meu filho... você não está bem... não está bem não... tão pálido!

JORGINHO – Eu estou ótimo! Ótimo! É o aço. Olha aí, não tá derretido!

MADALENA – Pálido... Devia ir ao médico, meu filho. Você está com anemia!

JORGINHO – Mamãe! Enquanto o homem conquista o cosmos a senhora diz que o seu filho está com anemia? Eu estou ótimo! Nunca estive tão bem! Ainda vão me dar valor, vão sim. As penas, os ovos, o liqüidificador, o núme-

ro, não foi sonho não, foi visão, aí é que está. VISÃO. Vai dar o número. Eu estou ótimo, mamãe, eu estou ótimo! Ótimo! Tô até conformado! Eu já me conformei que vou ser sempre um revoltado! Só um revoltado e pronto! Agora estou ótimo!

(Jorginho liga som alto – Rock.)

MADALENA – *(desligando).* A Gal Costa não canta bem, filhinho. Ou era a Rita Lee?

JORGINHO – "Pinque Floide."

MADALENA – Também não é boa. Música em estrangeiro não faz bem pros nervos. Mas você precisa tomar uma atitude na vida...

JORGINHO – O quê? Vou fazer o que neste país, porra?

MADALENA – Bem... Quanto a casamento eu concordo. Não pode mesmo ir casando com qualquer uma! Mas profissão seu pai diz que precisa ter. Agora não te falta nada; casa, cama, comida, mas e se a gente Deus me livre, morre? Os pais não são eternos, os pais não são eternos... Agora eu estou aqui, sou toda sua, mas e se eu falto, o que é que você vai fazer?

(Otávio entra, com um jornal na mão.)

OTÁVIO – Corta o pulsinho, já falou. Mas arrumar a mala, que é bom, nem mesmo começou ainda. Fica rabiscando, rabiscando. Se vendesse pelo menos *(pega o desenho.)* Nasceu e fez o que na vida? Rabiscos...

MADALENA — *(choramingando)*. Otávio... Calma...

OTÁVIO — Um peido! Um peido rabiscado! Um peido rabiscado!

(Jorginho pega o jornal. Otávio arranca o jornal das mãos dele.)

OTÁVIO — E NÃO TEM NADA DE VER LOTERIA NÃO! Eu ainda não li, "detesto" jornal de segunda mão!

JORGINHO — *(controlando-se)*. Quero ver só as manchetes, pô!!!

OTÁVIO — Como se "soubesse" ler! Como se soubesse ler! TOMA! *(joga uma página do jornal para ele)*. Essa é a tua sessão — HORÓSCOPO! Você só entende mesmo de horóscopo! Doutor de Horóscopo! Doutor de Loteria! Doutor de Rabisco!

(Otávio olha o papel que Jorginho estava desenhando.)

OTÁVIO — IMBECIL! Pensa que o pai é burro? O pai aqui não é burro não! *(aponta o desenho)*. Conheço o meu nariz até de ponta cabeça, viu? Não pensa que o pai é burro não! Picasso de floricultura! É uma falta de respeito com o próprio pai! É a última vez que te vejo pegando um lápis, tá escutando, fedelho? NÃO rabisca mais! *(rasga o papel)*. NUNCA mais! NÃO VAI LER E MUITO MENOS RABISCAR. E é já arrumar tua mala! Vai agora pra São Paulo! Vai lá mendigar emprego! De joelhos, pedindo emprego! Vai ter que trabalhar. Vai ser vendedor, cobrador, moleque de recados!

Vai ter que agüentar o batente. Vai ser chofer de táxi, chofer de lotação, de ônibus! É! É isso! Carregando sardinhas fedorentas pra cima e pra baixo!

MADALENA — *(começa a choradeira)*. Otávio... Otávio... Não... Você está exagerando... É nosso filho, sangue do nosso sangue... fruto do nosso amor. Sangue do nosso sangue... fruto do...

(Sonoplastia das máquinas, galinhas, aumentando, aumentando, aumentando.)

OTÁVIO — Cala a boca mulher! É isso mesmo! É isso mesmo, viu boneca? É já! Tá aqui a passagem! É o último presente que te faço, boneca cobiçada! Sai daqui a uma hora. Pode ir juntando as cuequinhas, as calcinhas, modess. Quem sabe não consegue um emprego de recepcionista! Isso mesmo! Recepcionista de elevador! Ascensorista! Vai lá apertar botão até o fim da vida, vai! Apertando botão até o fim da vida! Apertando botão, apertando botão, apertando botão...

MADALENA — Não fale assim com meu filhinho... Meu filhinho... meu filhinho... *(solta o berreiro.)*

OTÁVIO — Apertando botão...

(Black-out. Foco de luz em Jorginho. Os outros param nas posições que estão.)

JORGINHO — TUA CABEÇA, DESGRAÇADO, EU APERTO, EU MATO, EU TE ESTRAÇALHO! EU TE ARREBEEEEENTO! MOLEQUE

DE RECADO VOCÊ, VELHO MALUCO, DONO DE ARMAZÉM, DONO, DONO, DONO, ESCRAVO, NANICO, O DONO SOU EEEEEEEEEU! PÁRA COM ESSA CHORADEIRA, SANTA DE ALTAR, PÁRA, PÁRA, CALA A BOCA OS DOIS, EU JÁ MANDEI, VAMOS, PÁRA, OBEDECE, QUEM MANDA AQUI SOU EEEEEEU! (PEGA UM CHICOTE, SOBE NUMA CADEIRA.) EM FILA! EU VOU MOSTRAR, TODO MUNDO EM FILA, CHEGOU "JORGE THE KING", VAMOS, O MUNDO INTEIRO EM FILA OBEDECENDO "JORGE THE KING" "THE KING". QUEM MANDA AQUI É O DONO DO SAPATO QUE ESTÁ AÍ MARCHANDO, DO PÃO AMANHECIDO QUE VOCÊ COME! OLHA O CHICOTE! OLHA O CHICOTE! NÃO... NÃO PRECISO BATER NÃO, EU COMPRO O SILÊNCIO QUE EU QUERO! QUE NÃO SE ESCUTE UM RUÍDO! É A VONTADE DE JORGE! UM RUÍDO SIQUER, NEM UM SUSPIRO! SILÊNCIO! ISSO, ASSIM SIM É ASSIM QUE O PAPAÍ AQUI DOMINA O MUNDO! "GEORGE - THE KING" CHEGOU, TODO MUNDO SE ABAIXOU! NORTE, SUL, LESTE, OESTE, UM IMPÉRIO! MINAS DE CARVÃO, POÇOS DE PETRÓLEO, INDÚSTRIAS, FAZENDAS, O MUNDO! TAPETES NA MINHA PAS-SAGEM, TAPETES NOS MEUS PALÁCIOS, NA CALÇADA, NO ASFALTO, NOS RESTAURANTES, NAS GARÇONNIÈRES, TAPETES NO AEROPORTO! UM JATO PARTICULAR, FIM DE SEMANA COM ONASSIS. E EU COMPRO A MULHER DELE! EU COMPRO A ELIZA-

BETH TAYLOR! EU COMPRO A BRIGITTE BARDOT! USO UM POUCO E JOGO FORA! EU COMPRO! COMPRO! COMPRO TUDO! CHEGOU GEORGE THE KING! (SIRENE DE CARRO OFICIAL, ELE ACENA, AUTORIDADE). THE KING! OBRIGADO, OBRIGADO. TODO MUNDO DE JOELHO! DE RASTROS! EI, VOCÊ AÍ, IMBECIL, DE JOELHOS, QUERO TE VER COM QUATRO PÉS NO GHÃO! GRITEM! URREM! HUUUUUUURRRRAAAAAA!!!!!! GEORGE THE KING! (CHICOTEIA, SORRI, ACENA.) PAPEIZINHOS! (MILHARES DE PAPEIZINHOS CAINDO DE CIMA) DINHEIRO PICADO! MEU DINHEIRO! CAINDO DO CÉU! GEORGE THE KING DISTRIBUI DINHEIRO! DINHEIRO PARA O POVO! TODO MUNDO EM FILA! UM, DOIS, UM, DOIS, UM, DOIS. MARCHANDO! MARCHANDO E O DINHEIRO CAINDO! TODO MUNDO SE VESTINDO DE DINHEIRO! COMENDO DINHEIRO! VAMOS, TODOS COMIGO, UM, DOIS, UM, DOIS, EM FILA! COMENDO DINHEIRO, UM, DOIS, UM, DOIS, (COMEÇA A CANSAR-SE, AS-FIXIADO, SONOPLASTIA DE BOCAS MASTIGANDO DINHEIRO, MÁQUINAS, ETC...) EU PEGO, EU PEGOMEU AVIÃO. EU VÔO E NÃO PRECISO DE AVIÃO! EU VÔO PORQUE SOU O SUPER-HOMEM! THE SUPER MAN! GEORGE THE SUPER! HURRA!!! BRAVOS! BRAVOS! (VOLTA A SIRENE) HUUUUUUURRR-aaaa! (JÁ CANSADO IMITANDO AVIÃO.) EU VÔO...!!! GEORGE THE SUPER!!! EU VÔO POR CIMA DO MEU

ARRANHA-CÉU! UM MONTE DE ARRANHA-CÉUS! TUDO MEU, MEU, MEU! UM ARRANHA-CÉU NO LUGAR DA MATRIZ, OUTRO NO LUGAR DA CATEDRAL! OUTRO NO MEIO DA CASA BRANCA! OUTRO NO CABO CANAVERAL! OUTRO NO LUGAR DA TORRE EIFIEL, OUTRO NO TOPO DA LUA, E O MAIOR DE TODOS BEM NO MEIO DA "RUA DO CEMITÉRIO"!!!

OTÁVIO – JOOOOORGE!

(Acende a luz. Sai o som. Fica só o barulho da campainha. Sirene.)

OTÁVIO – Jorge! Atenda a porta imbecil!

MADALENA – Deixa, eu atendo, Otávio!

OTÁVIO – ELE atende! Está nas fuças dele! Precisa aprender a obedecer o pai! Este pai aqui é da antiga, viu fedelho? Filho meu tem que obedecer este pai até depois de morto!

(Jorginho vai abrir a porta, susto.)

JORGINHO – RE-NA-TA!!!

*(Jorge corre para o quarto, fecha-se.)
(Otávio vai até a porta.)*

RENATA – *(ainda fora)*. Seu Otávio? Boa noite. Creio que a comunicação pela imagem é mais direta que a palavra, portanto não há necessidade de maiores explicações.

(Otávio desconcertado, indeciso, abre mais a porta. Renata entra. Está gorda, grávida, vestida de forma bastante agressiva. Susto de Madalena. Grande pausa.)

OTÁVIO – Sente-se.

(Renata senta-se. Pausa.)

OTÁVIO – JOGÓÓÓÓÓÓÓORGE!

(Toca o telefone.)

(Madalena atende enquanto Otávio e Renata encaram-se.)

MADALENA – ALÔ? OI. É... é... é prima nossa, uma prima nossa longe, pois é... o marido veio fazer um trabalho pelas redondezas e... ah, sabe como é essa gente da capital, não é? Mulher independente, viaja sozinha... pois é... nesse estado... Ai nossos tempos, né, Serafina? Se lembro, lembro como se fosse hoje... Obrigada, obrigada. Não, não precisa, muito obrigada. Muito obrigada, precisando a gente chama, agradeço desde já. Muito obrigada...

OTÁVIO – MADALENA! A moça tá esperando!

MADALENA – Pois é, agora vou ter que desligar. Muito obrigada, se precisar nós chamaremos sim, você é sempre muito gentil, muito obrigada... Muito obrigada, agradecemos desde já, muito obrigada. Obrigada, chau... Chau, chazinho... Obrigada, chau... *(desliga)*.

RENATA – Bom, o senhor deve ser o seu Otávio, a senhora dona Madalena muito prazer. Meu nome é Renata.

OTÁVIO – Sei.

RENATA — Bem, já faz um certo tempo eu e seu filho Jorge mantemos um relacionamento de ordem afetiva e...

OTÁVIO — Sei, sei.

(Renata toma fôlego.)

OTÁVIO — Não, não precisa falar não. A imagem comunica mais.

MADALENA — Nós já conhecemos você de nome. O Jorge conta tudo para os pais.

OTÁVIO — Menos isso *(aponta.)* JOOOOOOORGE!!!

(Toca telefone.)

MADALENA — *(atendendo).* Alô? Oi. É, pois é... há muito tempo não víamos a nossa querida Renatinha. É... longe, bem longe...

OTÁVIO — M A D A L E N A !!!

MADALENA — *(continua.)* Não, não é neta dele não. Você não conhece, é tão longe... Ah... ah... Você acha, Clementina? Que bom... Ai que bom, sabe que...

OTÁVIO — MADALENA!

MADALENA — Obrigada, obrigada, muita gentileza sua, obrigada, só que vou ter que desligar e... Ah, obrigada, é, pois é, você nunca falhou. É, você tem toda a razão, Clementina, que bom, não? Chauzinho. Obrigada, muito obrigada. Chau e, não está pontudo mesmo, tem razão. Obrigadinha, chauzinho. *(desliga eufórica.)* Vai ser homem!

OTÁVIO — Deixe o fone fora do gancho *(ela tira o fone.)* JOOOOOOOORGE! Venha já para a sala! Foi você que fez isso? JORGE? *(pausa.)* *(para Renata.)* Olha aí o seu homem. *(pausa.)* Quedê o seu pai, moça?

RENATA — Em São Paulo, por que? Qual é o babado?

OTÁVIO — No Juqueri, por acaso?

MADALENA — *(reprovando).* Granja Julieta, Otávio... Juqueri é de pobre!

OTÁVIO — Quedê sua família? Por que não vieram todos com você?

RENATA — Pô, seu Otávio, sou mulher independente. O problema é meu e não deles. Tomo atitudes sozinha.

MADALENA — Bem se vê...

OTÁVIO — Eu não estou entendendo nada, moça. Como é que o seu pai permitiu que a situação chegasse a esse ponto?

RENATA — Pô... seu Otávio... em que década o senhor vive, heim? Esse negócio de pai já não funciona mais, não. O mundo é dos jovens e a independência feminina é um fato consumado. A jovem brasileira principalmente, a mulher brasileira-70 é uma das mulheres mais avançadas do mundo inteiro! Eu sou independente e única responsável pelos meus atos e prováveis conseqüências.

MADALENA — Mas eu não entendo como é que...

RENATA — *(corta)*. Olha dona Madalena, não dá para explicar não. Eu tô na minha e a “senhora” tá na da “senhora”, morou? Vivemos em esferas diferentes, distantes, a senhora não tem capacidade pra me entender mesmo!

MADALENA — Não sou Burra não... Olha o respeito! Exijo uma explicação.

RENATA — Oras dona Madalena, a situação foi chegando a este ponto porque eu fui me apertando com cintas, faixas, elásticos, tudo muito simples. Ninguém desconfiou.

MADALENA — Mas uma mãe sempre sabe! No primeiro mês, na menor mudança!

OTÁVIO — Seu pai deve ter muito sucesso nos negócios mesmo. Só deve dar atenção a eles para não se dar conta da filha andando e engordando dentro da casa.

MADALENA — E a mãe passa as noites jogando, vai ver é isso. Eu leio crônicas sociais, sim. Conheço bem aquela gente. Já vi tudo. Num só relance eu vislumbrei toda a sua infância, sua educação, sua falta de afeto, amor...

OTÁVIO — *(corta)*. Fica quieta, Madalena!

(Grande pausa.)

MADALENA — Eu fiquei quieta e você não fala nada, Otávio? Alguma coisa tem que ser dita, feita! E depois, Renata? E depois? Conta, conta tudo.

RENATA — Foi o maior “barato”. Fugi para vir até aqui. Eu estava escondida em casa de amigos afastados.

MADALENA — E para a sociedade disseram que foi de férias para a Europa! Eu sei... férias, férias, longas férias... eu conheço bem aquela gente... eu conheço...

OTÁVIO — Cala a boca, Madalena.

(Rausa.)

RENATA — Bem, estou vendo que ninguém toma a palavra. Eu vou ser objetiva, seu Otávio. O negócio é que o Jorginho, mas já que o homem que eu amo é amorfo terei que me resolver com o senhor mesmo. Como deve ter notado, meus telefonemas de nada adiantaram. Provocaram apenas dúvidas e angústias *(toma fôlego)*. O filho é dele e vai nascer. É um filho esperado, programado e “desejado”. Sou contra o *Status-Quo*, a sociedade do jeito que ela é; mas vou colocar um ser humano nessa sociedade pois pretendo que, como eu, ele viva para mudá-la. Sua capacidade de luta, creio eu, será mais forte se o nascimento for sadio, dentro de um quadro equilibrado, com cama, leite e pai. É aí que entra o Jorginho. A responsabilidade é dele.

OTÁVIO — Bonito. Bonito. *(pausa)*. Mas me conta uma coisa, moça. Dentro desse seu raciocínio todo moderno e “prafrente”, como dizem vocês, não passou por nenhum momento a brilhante idéia de... *(faz o gesto)*.

MADALENA – Mas, grávida!

OTÁVIO – Isso com o tempo se esquece, eles viajam, tudo se esquece...

MADALENA – Não quero! Não quero! Ele é que tem que resolver! Isso quem resolve é ele! O Jorginho! O meu Jorginho!

OTÁVIO – Cala a boca, Madalena!

MADALENA – *(histérica)*. O meu Jorginho! Ele é meu! Meu! Nem da Renata, nem da Maria Alice! Meu! Meu!

OTÁVIO – MADALENA! Cala a boca!

(M. Alice entra.)

M. ALICE – Voltei, dona Madalena...

MADALENA – Maria Alice!!! Renata... Renata, Maria Alice.

M. ALICE – Prazer, Maria Alice... Ou Mariazinha *(pausa)* Mendonça de Moraes. É a prima, não é? Me falaram. Seu marido veio fazer um trabalho pela redondeza, não?

RENATA – É. O Jorge viaja muito.

M. ALICE – Ah, também chama Jorge, é? Ah, então é o 2º filho, né? Porque o 1º filho da família tem que chamar sempre Otávio. Seu filho vai chamar Otavinho, então? O nosso também. O 1º filho da família tem sempre que chamar Otávio. O Jorge é o 2º então chama Jorge Otávio. Jorginho Otavinho. O nosso filho vai chamar Otaviiiiiiinho Jorgiiiiiiinho. O seu também?

RENATA – Não.

M. ALICE – Não? Ah... *(pausa)*. Você acha que vai ser menina, né? Mas não vai não, a Clementina falou que vai ser menino. Então vai chamar Otavinho Jorginho. A Clementina não erra. Não está pontudo, né, dona Madalena?

MADALENA – Não. É formato de menino mesmo.

M. ALICE – Sabe que ela até é parecida com a senhora, dona Madalena? “Cara” da senhora.

MADALENA – Não tanto...

OTÁVIO – JOOOOOOORGE!!!

(Pausa, M. Alice vai sentar-se junto à Renata.)

M. ALICE – Você está gostando da cidade?

RENATA – Adorando.

M. ALICE – É. Bonitinha, né? Está crescendo, sabe, você precisa ir visitar as bandas da Vila Nova. Outro dia mesmo só tinha mato. Quer ir agora? Vamos, dona Madalena?

MADALENA – Eu... eu tenho que acabar a gelatina...

M. ALICE – Quer que ajude?

MADALENA – Não. Desta vez tenho que acertar. *(vai safando-se para a cozinha)*. Mas tá faltando vinho. Cor. Vai ficar desbotada de novo. *(fica resmungando)*. Onde é que eu arrumo vinho? Como é mesmo a receita? Bato, liquidifico, misturo uma pitada de sal, duas de açúcar,

forno? Aromas com sabor de... Forno? Forno? Não. Falta vinho.

M. ALICE – *(para Renata)*. Você está fazendo enxovalzinho azul ou rosa?

RENATA – Roxo Batata.

M. ALICE – Roxo... batata? Mas...*(risadinha)*. É moda? É moda, dona Madalena? Roxo Batata?

MADALENA – *(entrando)*. Não. Vermelho é que falta.

OTÁVIO – JOOOOOOOOOOOOOOOOOORRRRRRRRRRRRRRRRRRRGEEEEEEEEEE!!!!

M. ALICE – Deixa seu Otávio... Deixa o Jorginho descansar um pouco, ele anda tão fraco! Eu sempre digo pra dona Madalena que o Jorginho precisa se alimentar melhor.

MADALENA – É, ele anda um pouco pálido, sim.

M. ALICE – Quase não come, fuma o dia inteiro, não há organismo que agüente!

*(Black-out. Todos param nas posições que estão.)
(Jorginho entra, chutando a porta. Foco de luz nele.)*

JORGINHO – É A PURIFICAÇÃÃÃÃÃÃÃ!!!! É A PURIFICAÇÃÃÃÃÃÃÃOOOOO! GASOLINA NO MUNDO INTEIRO E TACAR FOGO! FOOOOOOOOOOOOOOGO! MARIA ALICES, RENATAS GRÁVIDAS, QUEIMAR, QUEIMAR! MÃES PEGAJOSAS, PAIS ENFARDADOS, FAMÍLIAS, FAMÍLIAS, RELÓGIOS, RELÓGIOS DE PONTO, UNI-

FORMES, TUDO QUEEEEEEEEEEEIIMA, QUEEEEEEEEEEEIIMA! QUEEEEEEEEEEEIIMA! QUEIIMA PRA DEIXAR NASCER! EU VOU MUDAR O MUNDO. EU VOU! EU VOU MUDAR O MUNDO, ONDE É QUE ESTÁ O MUNDO, MEU PAI, ONDE ESTOU EU? ARMAZÉM, VESTIBULAR, ENGENHARIA, MARIA ALICE, RENATAS GRÁVIDAS, EU VOU MUDAR O MUNDO, EU VOU, ONDE ESTÁ O MUNDO, MEU PAI, ONDE ESTOU EU, ME DEIXA VER, ME CONTA, ME DÁ UM ESPELHO, ME DÁ UM MAPA, ME DEIXA SER UM, UM MOSQUITINHO OLHANDO TUDO LÁ DE CIMA, VOU SER UMA ÁGUIA! UM GAVIÃO, DESCENDO RETO EM RUMO CERTO, UM MOSQUITINHO PELO MENOS, VOANDO BAIXO, UM SOL! UM SOL! EU VOU SER UM SOL, O MUNDO INTEIRO, O UNIVERSO, E DAÍ ENTÃO EU VOU SABER, NÃO, SABER NÃO, EU VOU "SER", "SER", EU VOU "SER" ENTÃO A NATUREZA TODA, EU VOU SER "DEUUUUUUUUUUUS"! JIMMY, JIMMY, DEUS ESTÁ AI? MICK JAEGER, TRAIADOR VENDIDO, CAETANO, GIL, O JIMMY HENDRIKS ENCURREALOU O DEUS! DEUS ESTÁ ENCURREALADO! MINHA CABEÇA É UM QUADRADO REDONDO ONDE DEUS SE REFUGIOU! JANE! JANE! ONDE? ONDE; JOPLIN! JYMMIY, JIMMY, ME ESPERA, ESPERA, É O BARATO FINAL, QUEIIMA PRA DEIXAR NASCER, É O BARATO TOTAL, "EU" SOU DEUS, NÃO ANDO, NÃO CORRO, NÃO VOO, EU NÃO PRECISO, EU ABARCO O UNIVERSO POR DESINTEGRAÇÃO! EU DESINTEGRO E TE ANIQUILO,

MEU PAI, PORQUÉ EU SOU DEUS. NÃO TENHO PAU, NEM ARRANHA-CÉUS E EU NÃO VOU *NUNCA MAIS*, PORQUÉ EU SOU DEUS, EU NÃO VOU *NUNCA MAIS*, TÁ ESCUTANDO MALDITO, NÃO VOU *NUNCA MAIS* ME ENFIAR E PAGAR A *DESGRAÇADA RUA DO CEMITÉRIO!!!*

(Acende a luz.)

(Jorginho está em posição fetal, protegido por Madalena.)

MADALENA — Foi só uma tontura, meu Deus.

M. ALICE — Ele anda muito fraco, dona Madalena.

MADALENA — Ele precisa se alimentar melhor.

M. ALICE — Ovos, leite, verduras, vitaminas, legumes.

MADALENA — Arroz, feijão, batatinha e bife? Não. Tem uma receita da TV...

M. ALICE — Carne é bom. Muita carne.

MADALENA — Caldo de carne, em pacotinhos.

JORGINHO — Estou muito bem.

M. ALICE — Muita carne. Carne de verdade.

OTÁVIO — Sei, filet mignon no almoço e janta. Somos milionários agora. Mulher de filho meu tem que saber que na família economia é tradição.

MADALENA — Não exagera Otávio. Que vergonha. Você fala como se a gente fosse pau-de-arara.

OTÁVIO — Se estamos bem, é porque eu não deixo esbanjar. Porque soltando a rédea vocês vão parar até no psiquiatra, sei muito bem. Só porque é moda. É chique né? É uma vergonha, o velho aqui passa a vida inteira se sacrificando, para deixar herança, diploma, e no fim o dinheiro vai para "analista". Chique, né? Deixem o Jorginho em paz. É só não dar confiança que a cor do menino volta logo.

M. ALICE — Não, ele precisa de carinho. Eu cuido de você, viu meu amor? Vou dar fortificantes, bastante remédios. Vou cuidar de você com todo o zelo.

OTÁVIO — Vai mesmo Maria Alice?

M. ALICE — Vou, claro. Com a maior dedicação.

RENATA — Ai, não agüento mais! Não há Cristo que agüente! Escute aqui moça, você é namorada desse cara aí?

M. ALICE — Como? O Jorginho? Mas... sua sobrinha é muito brincalhona, dona Madalena. Claro que eu sou a "noiva" do Jorge.

RENATA — Ha! Bom. Porque eu sou "a outra", sabe?

M. ALICE — "A outra"? Hi, hi, hi, que outra?

RENATA — "A outra". Você é a noiva, eu a amante. Clássico.

MADALENA — *(reza baixo)*. Eu vi minha mãe rezando, aos pés da...

M. ALICE — Eu não estou entendendo...

RENATA — Tão fácil. O seu querido Jorginho, em vias de ereção, introduziu o seu órgão fertilizante no meu órgão então disponível à fertilização, isto é... tacou o pau dele na minha babaca!

OTÁVIO — MOÇA!!!!

MADALENA — RENATA!

OTÁVIO — Olha o respeito, fedelha!

RENATA — E daí, um dia "pegou", né? Azar.

OTÁVIO — Não falei que eles falavam a mesma língua? Não falei?

M. ALICE — *(asfixiada)*. Dona Madalena me acuda. Eu não estou sabendo direito qual a reação que tenho que ter.

RENATA — "Perplexidade", minha querida. Abra a boca, arregala o olho e prende a respiração! Per-ple-xi-da-de! Seu noivinho é meu amante há muito tempo.

M. ALICE — JORGIIIIIIIIIIIIINHO!!!!!! Dona Madalena! É verdade?

MADALENA — Infelizmente, minha filha. Mas quem com ferro fere com ferro será ferido.

M. ALICE — NÃO! É impossível! Ela espera filho dele? Meu Deus, seu Otávio?

OTÁVIO — Que é que se pode fazer?

M. ALICE — TRA—Í—DA!!!! Você me enganou, Jorginho! Traída! Enganada! *(cai no choro)*. Ai, se meu pai souber! Eu morro se minha mãe souber, se alguém souber! E agora? E agora? O que faz essa mulher aqui? Por que não a puseram daqui pra fora?

MADALENA — Grávida?

M. ALICE — E o que vão fazer então? Que é que a gente vai fazer?

(Pausa.)

M. ALICE — Seu Otávio, o que é que o senhor vai fazer com ela?

OTÁVIO — Só tem uma solução, Maria Alice.

MADALENA — *(chora)*. Infelizmente...

M. ALICE — Não dá mais tempo! Qualquer um vê que não dá mais tempo! Que vão fazer? Que é que nós vamos fazer? Jorginho!

(Pausa.)

OTÁVIO — Só tem uma solução Maria Alice.

MADALENA — *(chorando)*. Infelizmente...

M. ALICE — NÃO! Ele vai casar com ela???(*pausa*). Vocês vão permitir que ele case com ela? *(pausa)*. Com uma mulher da rua???

MADALENA — Errou uma vez só! É moça boa.

M. ALICE – Moça boa! “Baixou as calcinhas”! Assim, **ATÉ EU!!!**

MADALENA – É de ótima família!

M. ALICE – Uma puta, se me permitem! Prostituta é que ela é! Isso é um crime contra o meu Jorginho! Uma PROSTITUTA!

OTÁVIO – O pai dela é banqueiro!

RENATA – Ah! Aí tem um pequeno engano senhores!

MADALENA – Que engano?

RENATA – Meu pai é banqueiro, sim. Só que é banqueiro de jogo de bicho.

OTÁVIO – O quê?

MADALENA – FOMOS EN – GA – NA – DOS?!!!

RENATA – Putiski, que é que há? Meu pai tá até melhor de vida que vocês! 2 Volks, apartamento em São Paulo e Santos, onde ele mora, e é até muito legal! Quando eu contar pra ele eu garanto que ele vai ser legal, e...

MADALENA – *(corta)*. Mentira! Banqueiro de bicho é bandido!

OTÁVIO – É mentira também que esse filho é dele!!!

MADALENA – Claro!!! Vai ver ela nem sabe de quem é.

OTÁVIO – Não disse? Não disse? Bem que eu achava impossível a filha de um banqueiro de banco se engrajar com esse inseto!

MADALENA – Não disse? Não disse? Não se deve fazer o bem sem se olhar a quem!

OTÁVIO – Retire-se! Não admito ter sido enganado dessa forma! Esse filho não pode ser meu neto!

MADALENA – É filho de trinta pais! Trinta dias de pais! É um filho de um mês!!!

OTÁVIO – Um mês inteiro de pais! Retire-se!

RENATA – Claro que me retiro, seus fósseis! Tô falando isso é pra poder ir embora mesmo. Mas não pensem que vim aqui buscar seu filho pra casar, não, viu? Eu cago e bordo pra assinatura.

(Jorginho sorri – satisfeito.)

OTÁVIO – MOÇA!

RENATA – Pra família do jeito que é, pra essa merda toda eu cago! Eu queria enfiar tudo isso numa privada e dar a descarga – CHUÁ...!

OTÁVIO – Cale-se, fedelha!

RENATA – Afogados! Assados! Esturricados!

OTÁVIO – *(grita)*. É inacreditável! Retire-se **IMEDIATAMENTE**, sua vagabunda!

RENATA – Vou indo mesmo, graças a Deus! Eu vim buscar o Jorge porque eu gosto dele, viu? Por que eu acho que essa bobice dele pode mudar, pode ser aproveitável, porque eu gosto dele e quis ter o filho dele, só isso. Pro resto eu cago e bordo.

rabiscado, horóscopo e loteria, peido e loteria, peido e loteria...

*(Renata puxa Jorginho. Os dois vão saindo.)
(Otávio pega o jornal — olha — susto.)*

OTÁVIO — Fedelho! Que número é esse que você rumi-
na o dia inteiro?

(Pausa.)

MADALENA — *(ansiosa)*. 5798236...

*(Jorginho corre para pegar o jornal.)
(Pausa, grande expectativa, Renata toma o jornal de Jorgi-
nho.)*

RENATA — NÃO deu! Não deu! NÃO VAI DAR NUN-
CA! NUNCA NINGUÉM VAI DAR NADA
PRA VOCE, ENFIA ISSO NA CABEÇA
DE UMA VEZ! NUNCA NINGUÉM VAI
DAR NADA PRA VOCÊ!!!

OTÁVIO — HA! HA! HA! HA! HA! HA! Olha só a ca-
ra do fedelho! Olha só!

JORGINHO — PAPAÍ, o senhor ainda vai se arrepender!
Eu sou capaz de me matar! Eu sou! Pelo
menos isso eu posso fazer! Eu posso!

RENATA — NÃO é nada disso, seu burro! ACABA É
COM ELES!!! COOOOORTA! VAI ATÉ O
FIM!!! ACABA COM ELES! VAI ATÉ O
FIM!!!

MADALENA — Assassina! Estão vendo? Estão vendo só?
Quer fazer a mãe sofrer! Quer ver a mãe en-
terrada de dor... Quer ver a própria mãe no
túmulo! *(ajoelha-se.)*

*(Sonoplastia aumentando, aumentando, máquinas, galinhas,
forno.)*

OTÁVIO — Deixa, Madalena, deixa. Esse mosquito não
tem força nem pra levantar uma giletinha...
nem uma giletezinha de nada...

JORGINHO — Mas tenho força pra subir aqui!

(Jorginho senta-se na janela. Patético.)

M^ã ALICE — JORGINHO...!

MADALENA — MEU FILHO!!!

JORGINHO — Eu sou leve! Leve! Uma pluma, uma pena.

OTÁVIO — HA! HA! HA! HA! HA! Olha só a cena!
Que engraçado! Eu vou estourar de rir! O
machão sentadinho na janela — *(caricatura.)*
“Daqui eu me jogo, daqui eu me jogo!” Vai,
mariquinha, se atira da janela, bonequinho
da mamãe. Vai... que nem borboleta, baten-
do as asinhas... batendo as asinhas até lá em-
baixo... que nem borboleta. Batendo as asi-
nhas na parreira, no meio das uvas até pou-
sar de leve no galinheiro, no meio das penas.
Vai machão... É claro que não foi ele que
encheu essa barriga, não vai nem na Rua do
Cemitério!

JORGINHO — Eu sei que estou sendo ridículo, papai! Me
mato pra deixar de ser, mas isso vai ficar na
tua consciência o resto da vida!

OTÁVIO — “Chantagem emocional”. Olha só o menini-
nho fazendo a chantagem dele. Mas comigo
não pega, viu? Eu tenho a consciência tran-

M. ALICE — Deus escreve certo por linhas tortas.

(Foto Jorginho guiando Volks.)

OTÁVIO — *(orgulhoso)*. Ah, se todo o pai tivesse um filho assim. Tá aí: forte, bom, trabalhador, honesto. Dr. Jorge Otávio de Almeida!

(Foto de cima do trânsito congestionado.)

(Pausa.)

M. ALICE — Nós vamos passear no jardim da Matriz hoje, meu bem?

(Aumenta a música, cortina vai fechando inocentemente.)